



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**O MÉTODO FÔNICO E A PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE UMA NOVA  
ALFABETIZAÇÃO.**

**Victor Avelino de Freitas**

**Matrícula 14/0164669**

**Brasília, julho de 2019**

**VICTOR AVELINO DE FREITAS**

**O MÉTODO FÔNICO E A PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE UMA NOVA  
ALFABETIZAÇÃO.**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias.

**Brasília, julho de 2019**

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias (Orientadora)

**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

Prof. Dr. Bráulio Tarcísio Pôrto de Matos (Co-orientador)

**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

Profa. Dra. Cláudia Heloísa Schmeiske da Silva (Avaliadora)

**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

Profa. Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz (Suplente)

**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

**Brasília, julho de 2019**

Dedico à minha família, aos meus amigos e a todos os que contribuíram com este projeto.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por me conceder o dom da vida e me dar a oportunidade de crescer em espírito e sabedoria.

Agradeço a meus pais, que suaram muito para que eu pudesse estar hoje aqui apresentando o meu trabalho de conclusão de curso em uma Universidade Federal.

Agradeço à Thaynara Lauriano, por ter paciência e me ajudar nas minhas dificuldades com a escrita deste trabalho e por estar comigo em tantos outros momentos.

Agradeço à minha orientadora, Paula Maria Cobucci, por me acolher de forma tão gentil e me ajudar no processo de escrita deste trabalho.

Agradeço ao professor Bráulio Porto, que fez parte da minha vida acadêmica e me deu instrumentos para crescimento intelectual e para vencer a guerra ideológica travada dentro da Universidade de Brasília.

Agradeço também ao meu querido Pároco, Padre Manuel Pérez, por me ouvir e aconselhar nos meus movimentos de dúvida e cansaço.

E agradeço também a todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte deste trabalho.

“As crianças são investidas de poderes não conhecidos, que podem ser as chaves de um futuro melhor.”

Maria Montessori

## RESUMO

Esse estudo refere-se à aplicação do método fônico, segundo o livro *ABC do Alfabetizador* (OLIVEIRA, 2003) para alunos do segundo ano do Ensino Fundamental, de uma escola do Distrito Federal, com o objetivo de apresentá-lo como proposta de melhoria da alfabetização. Os números aqui apresentados sobre alfabetização demonstram a necessidade de novas possibilidades dentro desse campo, que é motivo de tantos debates nos últimos anos. Dados e novas propostas do atual Governo Federal também se fazem presentes neste estudo, agregando mais informações sobre o tema. As metodologias aqui aplicadas são de cunho bibliográfico, documental e etnográfico, a fim de possibilitar dados concretos e novas estratégias para um determinado campo e local. Por fim, a questão prática mostra que é possível, mesmo que em pouco tempo, a obtenção de bons resultados dentro de uma nova ideia de alfabetização.

Palavras-chave: Método fônico. Alfabetizador. Criança.

## **ABSTRACT**

This study refers to the application of phonic method, according to the *ABC do Alfabetizador* (OLIVEIRA, 2003) book, for second year Elementary School students from a Distrito Federal's school, with the purpose of presenting it as a proposal to improve the literacy. The figures on literacy demonstrate the need of new possibilities within this area, which has been the cause of several debates in recent years. Data and new proposals from the current Federal Government are also present in this study, adding more information to the subject. The methodologies applied here are bibliographical, documentary and ethnographic, in order to provide concrete data and new strategies for a given domain and place. Finally, the practical question shows that it is possible, even in a short time, to achieve good results within a new idea of literacy.

Key words: Phonic method. Literacy. Kid



## SUMÁRIO

I. MEMORIAL .....	01
II. INTRODUÇÃO .....	06
1. O CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL .....	08
2. MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS CLASSIFICAÇÕES .....	13
3. A ALFABETIZAÇÃO PELO MÉTODO FÔNICO: <i>O ABC DO ALFABETIZADOR</i> ....	16
4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA EM QUE A PESQUISA FOI REALIZADA.....	23
4.1 O PROJETO INTERVENTIVO .....	24
4.2 OS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	24
5. A REALIZAÇÃO PRÁTICA NA BUSCA DO ENSINO FÔNICO .....	27
III. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
IV. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	37
BIBLIOGRAFIA .....	38

## I. MEMORIAL

A minha história com a educação começa desde cedo, quando minha mãe contava histórias como *João e o pé de feijão*, *Dumbo*, *Chapeuzinho Vermelho* e afins, o que despertou meu interesse por leitura desde muito pequeno.

A minha primeira escola foi a Estrelinha, em Planaltina, onde moro, e onde aprendi a ler e a escrever aos 3 anos de idade, de onde pouco me recordo, apenas dos meus pais me levando todos os dias bem cedo.

De uma família simples e até aquele momento filho única, o que mais ouvia desde pequeno era a palavra “estude”, pois meu pai gostaria muito que eu tivesse um futuro bom, com diploma e bom emprego. Mas isso ainda é algo para logo mais.

Na pré-alfabetização, em uma nova escola, dessa vez pública (Escola Classe 04 de Sobradinho), fui adiantado para a primeira série – que equivale hoje ao segundo ano do Ensino Fundamental – pois já sabia ler e escrever, e isso adiantou minha vida na escola em um ano. Eu me recordo muito pouco daquele tempo, mas lembro de não acreditar que iria para outra série no meio do ano, mesmo com meus colegas de sala falando.

Uma das coisas que mais me marcou no ensino fundamental foi a terceira série (quarto ano), pois tive uma professora da qual guardo lembranças e ainda tenho amizade até hoje: professora Raimunda, carinhosamente chamada por Tia Raimundinha. Nessa época, eu era um aluno bastante dedicado e me cobrava bastante, mesmo com minhas notas já sendo muito boas.

Gostava muito dos dias de ir para a quadra de esportes da escola, pois sempre fui um apaixonado por futebol, e isso me ajudava a fazer amizades.

Na quarta série, já no Centro de Ensino Fundamental 04 de Sobradinho, com a professora Lucília, comecei a aprender sobre outras matérias e conheci minha primeira grande dificuldade: a matemática. Naquele tempo, mesmo que ainda de forma simples, já sentia que não me daria tão bem com a parte de exatas, peso que carrego até o momento atual.

Tive minhas primeiras grandes amizades nesse tempo, pessoas que levo comigo até hoje, mesmo que de forma mais distante e virtual, mas que ainda têm parte na minha trajetória.

Essas amizades seguiram até a sétima série, porém, antes disso, vale ressaltar o grande salto na minha vida escolar, que foi a chegada até a quinta série, em que tive minha a

maior dificuldade e queda, pois demorei a compreender a troca de professores e matérias, fazendo certa confusão inicial e me perdendo um pouco nas atividades propostas por cada professor. Com o tempo, fui me moldando ao novo formato de ensino e melhorando tanto em notas como em rendimento de participação.

Com os anos passando e já habituado ao novo modelo, a chegada até a sétima série foi bastante tranquila, porém nessa mesma série, comecei a ter minhas maiores dificuldades, Primeiro, porque me mudei para uma nova escola, indo para o Centro Educacional (CED) 02, pois o CEF 04 não ofertava a sétima série e porque deixei pra trás algumas amizades, que ou se mudaram para escolas diferentes ou se mudaram de Sobradinho.

Nesse período, também passei a estar durante toda a semana com minha avó materna, pois estudava à tarde e era complicado para o meu pai conseguir conciliar os horários para buscar minhas irmãs na escola, deixá-las em casa e me buscar às 18h, já que morávamos um pouco distantes de Sobradinho. Nesse período, passei a ver meus pais mais aos fins de semana, o que me deixava um pouco triste pela saudade e pelas dificuldades normais de estar em uma casa que não era minha.

Voltando para a questão escolar, no CED 02 passei pelos meus piores anos na escola, nos quais meu rendimento foi muito menor, principalmente na grande vilã da minha vida: a matemática.

Foi a primeira vez que fiquei de recuperação em matemática, pois conhecia muito pouco daquilo que era falado e passado e meu professor não se importava muito com isso, sendo um período bastante ruim, pois eu não sabia como enfrentar aquela situação.

Consegui levar tudo de forma um tanto quanto arrastada até o ensino médio. No primeiro ano do ensino médio, foi quando perdi meu avô materno, que deixou uma lacuna na minha vida, já que ele estava comigo nos últimos três ou quatro anos, convivendo todos os dias.

Passado esse baque inicial, minha vida, em todas as matérias, era muito tranquila, exceto na que já sabemos ser meu algoz desde sempre. Um dos professores que me marcou bastante se chamava Tarek e lecionava geografia, uma das minhas matérias favoritas.

No primeiro ano, existia uma situação chamada *dependência*, em que o aluno podia passar para o segundo ano e ficar “devendo” uma matéria do primeiro ano. Foi o que aconteceu comigo, obviamente em matemática. No segundo ano, eu precisava cumprir as

matérias curriculares do segundo ano e mais as atividades de matemática do primeiro ano, mostrando resultados e relatórios para o professor responsável pela dependência.

Com isso, passei para o terceiro ano tranquilamente e, chegando lá, não encontrei dificuldades em nada além da matemática. Minha professora de português, Nina, da qual me recordo com carinho, ajudou a minha turma a produzir uma peça sobre *A Terra dos Meninos Pelados*, algo que foi bastante interessante pra mim na época, pois me ajudou a desenvolver um maior prazer pela leitura.

Infelizmente, no terceiro ano, fiquei de recuperação em matemática e precisei fazer a prova final. Os alunos recebiam o resultado em um dia e precisavam fazer a prova no dia seguinte, o que não colabora para uma revisão de um ano inteiro. Realizei a prova e ela era de múltipla escolha, e como não fazia ideia do que estava ali na minha frente, marquei A para todas as respostas e, por incrível que pareça, consegui ser aprovado.

Após o ensino médio, prestei meu primeiro vestibular para a Universidade de Brasília – UnB – e não obtive êxito, pois tinha escolhido um curso com certa concorrência: Letras Espanhol, já que havia cursado durante o fundamental e médio a língua espanhola no Centro Interescolar de Línguas de Sobradinho.

Passei mais seis meses sem muito o que fazer, já que não conseguia nenhum emprego e minha família não tinha condições de arcar com uma faculdade privada. Nesse tempo, dediquei bastante minha vida à Igreja Católica, na qual participo de um grupo jovem, o Segue-me. Esse grupo é responsável por me proporcionar grandes amigos que estão comigo e têm me incentivado até hoje nos meus planos e buscam também estar na realização destes.

Logo após esse pequeno período de pausa nos estudos, fiz um novo vestibular para a UnB e, dessa vez, consegui passar para um curso, que eu não sabia o que encontraria. O curso era Gestão Ambiental, no Campus de Planaltina, e lá não consegui me sentir bem, pois era algo totalmente diferente do meio com que eu estava acostumado e não consegui me adaptar. Além disso, por conta de todo o conflito pessoal que aquele lugar gerava em mim, não conseguia assimilar os conteúdos e tinha péssimas menções e pouca aprendizagem, fazendo com que não me sentisse realizado.

Foi aí que uma vontade surgiu, talvez pelas lembranças da minha alfabetização, talvez pela ideia de tentar ser um agente de mudança na atual situação educacional brasileira, mesmo que isso pareça bastante pretencioso: cursar pedagogia.

Fiz um novo vestibular em junho de 2014 e recebi o resultado no final de julho. Por estar escrevendo isso no meu trabalho de conclusão de curso da pedagogia, pode-se suspeitar qual foi o resultado.

Pois bem, todo aquele sonho de me tornar pedagogo e estar cursando aquilo que eu tinha vontade, começou a se tornar um tanto quanto incômodo, pois meus costumes e pensamentos eram completamente diferentes de tudo o que o curso pregava.

De cara, tive a minha primeira decepção com antropologia da educação, porque minha fé foi bastante atacada de forma gratuita e toda a minha vivência pessoal era julgada. Nas demais matérias, menções excelentes e nenhuma dificuldade.

Nesse curso, passei a ver coisas que nada tinham a ver com ser ou não um pedagogo e ajudar pessoas a crescerem pelos caminhos da educação, mas muitas vezes, apenas pautas políticas. Se existe algo positivo em tudo isso, é que me tornei uma pessoa muito mais interessada por política, passei a entender melhor o que era ser um homem conservador e a buscar brigar por esses ideais, que por mais que sejam combatidos por quase toda a classe de professores e alunos da Faculdade de Educação, ainda me parece o certo a ser feito.

No período mais complicado da Faculdade, passei a ter crises de ansiedade, coincidentemente no período houve a invasão dos prédios da UnB, impedindo muitos alunos de terem acesso às aulas, que conheci um dos grandes homens da faculdade, o que me deu um ânimo extra para seguir galgando o caminho que eu queria até o atual momento.

Obviamente, vale citar o nome do professor Bráulio Porto neste espaço, pois foi ele quem fez com que minha convicção daquilo que era certo se solidificar e me tornar a pessoa que sou hoje. Fica desde já, o agradecimento a essa figura tão importante na minha formação.

Por fim, a ideia inicial do meu trabalho de conclusão de curso era completamente diferente, e já foi mudada por algumas vezes. Primeiro era a ideia de, pela paixão aos esportes e as crianças com necessidades especiais, desenvolver algo com essa temática. O que foi alterado para a ideia de um assunto novo e bastante polêmico dentro da faculdade de educação: o *homeschooling*.

Após uma conversa com minha professora orientadora, professora Paula Cobucci, optamos pela mudança para o atual tema, que é a área de alfabetização. E após visitas ao projeto por ela realizado no Varjão, a ideia se tornou ainda mais real, pois o meu projeto de ajudar crianças a mudarem de vida através da educação ficou ainda mais forte e claro.

Minha vida acadêmica pode não ter sido das melhores no quesito amizades e principalmente admiração dos demais colegas, porém tenho orgulho da pessoa que me tornei e ainda pretendo me tornar.

## II. INTRODUÇÃO

Quando se trata dos métodos de alfabetização, uma grande discussão é iniciada. Há quem se utilize e defenda os métodos globais, há quem se identifique e apoie os métodos fônicos. Nesse contexto, o professor Cláudio de Moura Castro, em um artigo na revista *Veja*, trouxe essa discussão em dados, onde através de mais de 100 mil artigos científicos sobre o tema da alfabetização, os resultados se mostraram positivos em relação ao método fônico, trazendo assim, a princípio e enquanto não existe contestação desses dados, uma maior eficácia desse método ainda não tão adotado no Brasil, mas já tão difundido pelo mundo.

Buscou-se este tema para elaboração deste trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, pois, atualmente, o método fônico tem ganhado força nas discussões do novo Governo Federal, o que torna importante o conhecimento deste nos cursos de pedagogia e entre os professores alfabetizadores.

Embora existam livros e discussões sobre ele, o método fônico ainda não é tão difundido nas escolas brasileiras, gerando ainda muitas dúvidas e lacunas que aqui tentarão ser sanadas e preenchidas.

Objetivo geral deste trabalho é conhecer a prática de alfabetização a partir do método fônico proposto por Oliveira (2003), no livro *ABC do Alfabetizador*, a fim de apresentá-lo como proposta para melhorar o aprendizado das crianças que estão em processo de alfabetização.

Um dos objetivos específicos é adotar o método fônico proposto por Oliveira (2003), para desenvolver o processo de alfabetização das crianças colaboradoras da pesquisa; e o segundo é observar como o método fônico proposto por Oliveira (2003) pode auxiliar o processo de leitura e escrita das crianças colaboradoras da pesquisa.

A questão de pesquisa deste trabalho é: Como o método fônico proposto por Oliveira (2003) pode contribuir para a alfabetização dos estudantes participantes do projeto interventivo da escola colaboradora desta pesquisa? A pesquisa, que objetiva a prática nesta escola, vem mostrar como tem sido difícil a relação das crianças e dos professores no que diz respeito à alfabetização e ao conhecimento do código alfabético.

Esta pesquisa se justifica porque a alfabetização no Brasil ainda se encontra com números abaixo da meta 5 proposta pelo Plano Nacional de Educação (PNE) e busca, assim,

novas alternativas educacionais para alfabetização no país, através de dados apresentados em pesquisas e avaliações e por estudos teóricos da área.

Diante disso, o método fônico se apresenta como possibilidade para suprir algumas das necessidades escolares dos alunos do segundo ano do ensino fundamental, colaboradores de pesquisa deste trabalho.

As metodologias adotadas foram: a pesquisa documental, que busca trabalhar fontes primárias, como leis, documentos e dados de avaliações sobre a alfabetização no Brasil; a pesquisa bibliográfica, que buscou embasamento teórico em livros, especialmente em Oliveira (2003); e a pesquisa de cunho etnográfico, que se propõe à produção e análise de dados sobre um determinada realidade, focando nas questões sócio-culturais.

No primeiro capítulo deste trabalho, serão apresentados dados oficiais da alfabetização no Brasil, a fim de apreciar a realidade atual do país na área de alfabetização de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental público e, a partir disso, pensar soluções para os números apresentados.

Já no segundo capítulo, serão apresentados alguns dos diferentes métodos de alfabetização, suas propostas e seus conceitos, a fim de justificar a escolha do método fônico como ferramenta de auxílio da alfabetização dos colaboradores da pesquisa.

No terceiro capítulo, é apresentado o livro base de toda a construção teórica do trabalho, o *ABC do Alfabetizador*, que introduz e explica o que é e como deve ser adotado pelo alfabetizador o método fônico proposto.

No quarto e quinto capítulos, a escola onde foi trabalhado na forma prática a questão teórica é apresentada, assim como sua localidade, cultura e demais questões sociais que nela são encontradas e, logo em seguida, as aulas propriamente ditas são iniciadas, de acordo com o que é proposto pelo livro base, em uma classe de alunos com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita, e gerando uma pequena amostra do que foi produzido.

As considerações finais buscam informar se a pergunta que aqui é feita é respondida, se os objetivos deste trabalho foram alcançados e as possibilidades futuras para o melhor desenvolvimento do método fônico trabalho da alfabetização no Brasil, tentando assim ser mais um auxiliador para a resolução dos problemas da educação nacional.



## 1. O CONTEXTO DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A alfabetização é tema recorrente no que diz respeito ao campo da educação. Existem diferentes conceitos de alfabetização, neste trabalho, será adotada a definição de Martelli (2015), em que se considera por alfabetização “apropriar-se do código alfabético, ser capaz de usar as regras do código para identificar as palavras e associá-las com o seu sentido”, ou seja, conhecer letras, desenvolver condições para compreensão de seus sons e, a partir daí, compreender o que se lê.

O Brasil passa atualmente por um cenário de fracasso escolar, que, segundo afirma a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais em 2017 é de 7,0%, que representam 11,5 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever no país. Essa quantidade está acima da meta estipulada pelo Plano Nacional de Educação (PNE) que, para o ano de 2015, seria de 6,0%.

O PNE, que tem duração de 10 anos e se iniciou em 2014, trabalha em conjunto com o IBGE para mapear o Brasil e recolher dados sobre a evolução das 20 metas fixadas. Para a alfabetização, os últimos dados recolhidos, baseados na Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA)<sup>1</sup>, mostram que somente 45,3% das crianças até o terceiro ano do Ensino Fundamental possuem aprendizagem adequada em leitura e 66,1% têm os requisitos mínimos para serem consideradas com escrita adequada.

Essa foi a segunda Avaliação Nacional de Alfabetização, em 2014 e obteve um pequeno avanço na questão da leitura, com evolução de 1,5% se comparada à primeira vez em que a prova foi aplicada, em 2013. O Brasil busca aumentar esses números, pois eles ainda estão longe de chegar até a meta estabelecida, principalmente na questão da leitura.

---

<sup>1</sup> A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) objetiva aferir os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa (leitura e escrita) e Matemática dos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas brasileiras. As provas aplicadas aos alunos forneceram três resultados: desempenho em leitura, desempenho em matemática e desempenho em escrita. Além dos testes de desempenho, que medem a proficiência dos estudantes nessas áreas, a ANA apresentou, em sua primeira edição, as seguintes informações contextuais: o Indicador de Nível Socioeconômico e o Indicador de Formação Docente da escola.

A ANA é censitária, portanto, é aplicada a todos os alunos matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental. No caso de escolas multisseriadas, que são aquelas que possuem classes com alunos de diferentes idades e níveis educacionais, a ANA costuma ser aplicada a uma amostra. A aplicação e a correção são feitas pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). É costume que o próprio professor regente de classe esteja presente à aplicação.

A meta 5 do PNE, que tem como objetivo a alfabetização de todas as crianças até o terceiro ano do Ensino Fundamental, busca atingir esse total até 2024, ano em que o PNE visa cumprir todas as suas metas.

Para o buscar alcançar essa meta, adotou-se como medida o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), um compromisso formal, feito em 2012 (que terminou em 2018), entre Governo Federal, Governo do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios. Capacitar professores alfabetizadores foi uma medida encontrada pelo Governo Federal a fim de possibilitar, entre outras coisas, a melhora na produção escrita e de leitura das crianças das escolas públicas do Brasil.

Essa capacitação passava por melhorias nas práticas pedagógicas dos alfabetizadores através do processos de formação continuada, que eram compostos por cursos presenciais oferecidos em parceria com as universidades públicas federais que se constituíam centros de formação de professores na área da linguagem (A Cform – Coordenação de Formação Continuada de Professores – era o centro de formação da Universidade de Brasília).

Também eram disponibilizados aos professores materiais didáticos como livros, jogos didáticos relacionados à alfabetização, entre outros, que poderiam ser utilizados ao longo dos anos para melhor desenvolvimento das crianças no processo de ensino-aprendizagem dos anos iniciais do Ensino Fundamental, possibilitando a evolução do quadro educacional brasileiro.

Além disso, os professores alfabetizadores eram acompanhados periodicamente por orientadores de estudos, que recebiam a formação diretamente nas Universidades, para repassarem aos alfabetizadores. Além de serem responsáveis pela formação dos alfabetizadores, esses orientadores de estudos acompanhavam o trabalho desenvolvido nas salas de aulas e poderiam propor orientações e sugestões para trabalhar a alfabetização com os estudantes que apresentavam mais dificuldades.

No início do programa, os coordenadores e formadores das universidades, os orientadores de estudos e os próprios professores alfabetizadores recebiam bolsas de estudo<sup>2</sup>, o que era, também, um fator motivador para a adesão dos docentes dispostos a aprender e

---

<sup>2</sup> O valor das bolsas era definido pelo MEC e era R\$ 200,00 (duzentos reais) mensais para o professor alfabetizador; R\$ 765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais) para o orientador de estudo; R\$ 765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais) para o coordenador das ações do Pacto nos estados, Distrito Federal e municípios; R\$ 1.100,00 (mil e cem reais) para o formador da instituição de ensino superior; R\$ 1.200,00 (mil e duzentos reais) para o supervisor da instituição de ensino superior; R\$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais) para o coordenador adjunto da instituição de ensino superior; e R\$ 2.000,00 (dois mil reais) para o coordenador-geral da instituição de ensino superior. Fonte: [www.gov.br](http://www.gov.br). Consulta em 2 jul. 2019.

melhorar suas práticas dentro do campo da alfabetização. No Distrito Federal, assim como em outros estados brasileiros, adotaram-se a participação na formação e o acompanhamento pelos formadores do PNAIC como critérios para que o professor estivesse em sala de aula de alfabetização.

Segundo a *Tabela Magistério Público*, disponível no site<sup>3</sup> da SEPLAG — Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão do Distrito Federal, no Governo do Distrito Federal - GDF, os alfabetizadores em atividade de regência de classe de alfabetização de crianças, jovens ou adultos da rede ou conveniados, que são instituições, filantrópicas, convencionais e comunitárias, que têm acordo com o governo para receber alunos da rede pública através do recebimento de bolsas, recebem uma Gratificação de Atividade de Alfabetização, criada pela Lei nº 4.075/2007 e alterada pela Lei nº 5.105/2013, que se calcula no valor de 15% do vencimento básico inicial, conforme a etapa do servidor e sua formação (formação inicial, especialização, mestrado e/ou doutorado).

A Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), oficializada como instrumento de avaliação dos anos iniciais da Educação Básica pelo Ministério da Educação (MEC) em 2013, é a principal fonte de dados nacionais sobre a alfabetização para que os gestores possam se planejar e implementar soluções para superar as dificuldades em alfabetização de cada local do Brasil.

Outra avaliação ligada à questão da alfabetização é a Provinha Brasil, aplicada nas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), duas vezes ao ano, sendo uma no início do ano e outra no fim do ano, para crianças do segundo ano do Ensino Fundamental. Essa avaliação é composta por questões de língua portuguesa e de matemática e visa obter informações sobre a alfabetização e os saberes matemáticos.

Essas informações são importantes pois mostram que ainda é necessário o investimento na área da alfabetização e que novas estratégias pedagógicas podem ser uma grande ferramenta para o auxílio dos cumprimentos das metas do PNE. Com os dados, é possível saber em que pontos a alfabetização precisa avançar no Brasil, já que, com a atuação do PNAIC, foram visto avanços educacionais significativos.

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.seplag.df.gov.br/tabela-magisterio-publico/> Consulta em 8 jul. 2019

O Programa foi muito bem avaliado pelos professores alfabetizadores, por considerar que ele apresentou algumas das características citadas e explicadas a seguir.

Uma delas é os critérios para o professor conhecer o nível de conhecimento dos estudantes sobre a escrita através da psicogênese da escrita, uma teoria desenvolvida por Ferreiro (1994), que busca entender as diferentes formas de aprendizado que a criança desenvolve, antes mesmo até de realizar a leitura propriamente dita. Trata-se, portanto, da percepção de mundo aplicada às diferentes hipóteses que a criança pode criar para compreender o código alfabético.

Outra proposta interessante do programa se dá pela questão de alfabetizar letrando e letrar alfabetizando, que é chamado também de letramento. De acordo com Kleiman (2004), o letramento se define dessa maneira: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.”. Essa definição demonstra que o letramento não é restrito apenas ao ambiente escolar, mas se dá em todos os momentos.

As formas de acompanhamento dos estudantes a partir de sugestões de diagnósticos de acompanhamento dos estudantes e os jogos para ensinar leitura de forma lúdica são outros dois pontos que geram boa avaliação do PNAIC, pois dão ainda mais alternativas aos alfabetizadores em busca do desenvolvimento das crianças no processo de ensino-aprendizagem.

Há também orientações para o professor trabalhar os quatro eixos para o ensino de língua portuguesa (leitura, produção textual, oralidade e análise linguística), que estão presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e visam, de forma integrada aos Parâmetros curriculares nacionais (PCN's), a alfabetização se utilizando de todos esses eixos.

Outra questão importante dentro das orientações para os professores alfabetizadores é a elaboração do trabalho pedagógico a partir de sequências didáticas, que “consiste em um procedimento de ensino, em que um conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem” (PNAIC, Unidade 6, Ano 1, p. 27). Ou seja, as sequências didáticas não buscam necessariamente um produto final, mas fazem com que os alunos participem de atividades com um tema determinado, mas que sejam feitas de forma gradual, em etapas.

Os professores alfabetizadores participantes do programa também recebem os encaminhamentos para se trabalhar leitura e produção de textos com base em gêneros textuais. Segundo Marcuschi (2008) os gêneros textuais são:

são os textos encontrados em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Também é indicado pelo programa que os alfabetizadores trabalhem de acordo com os direitos de aprendizagem. Esse direitos têm relação direta com o planejamento das atividades realizadas pelos professores e diz que “o educador deverá elaborar suas sequências didáticas, considerando a realidade sociocultural dos alunos e o contexto da escola, para que as propostas sejam significativas e que, de fato, garantam os direitos de aprendizagem.” (COBUCCI, 2018).

No entanto, a partir de 2018, com a mudança para o Governo de Michel Temer, o Programa foi descontinuado. Inicialmente, os professores, orientadores de estudos, formadores e coordenadores pararam de receber bolsa de estudos. Depois os materiais de formação foram excluídos do site do Ministério da Educação.

## 2. MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E SUAS CLASSIFICAÇÕES

Existem vários métodos de alfabetização utilizados hoje nas escolas, tanto públicas quanto particulares, uma vez que, no Brasil, as escolas têm autonomia para escolha de como guiar seu trabalho, fazendo com que a gama de métodos seja uma variável grande nas escolas do país.

Existem dois grupos gerais de métodos: os globais e os sintéticos. Os globais, segundo Carvalho (2005, p. 32), são fundamentados na Psicologia da Forma, que propõem que a criança tem uma visão globalizada da realidade, isto é, percebe o todo antes dos detalhes. Em contrapartida, os métodos sintéticos “partem da letra, da relação letra-som, ou sílaba, para chegar à palavra”, (CARVALHO, 2005, p. 18) ou seja, dos detalhes para o contexto mais amplo.

Os sintéticos têm em seu grupo métodos como a soletração, a silabação e os fônicos. Já os globais envolvem a palavração, sentencição e métodos de contos. “Numa via alternativa, existem os métodos analítico-sintéticos, ou mistos, que combinam aspectos de ambas as abordagens.” (BRASLAVSKY, 1971 *apud* CARVALHO, 2005, p. 18) O método fônico, segundo Rizzo, (1977 *apud* CARVALHO, 2005, p. 25) então tende a ser classificado como método misto, já que se preocupa também com aspectos presentes nos métodos globais.

O método fônico, segundo o *ABC do Alfabetizador*, parte do princípio de que o ensino da letra e seu som é o que faz com que a criança desenvolva de forma mais rápida e eficaz a escrita e conseqüentemente a leitura. Deve-se, então, iniciar pelas vogais, já que são mais fáceis de serem assimiladas, pois possuem sons mais evidentes ou salientes (saliência fônica, segundo estudos de fonética e fonologia). Em seguida, passa-se a conhecer e entender os sons das consoantes e assim chegar à produção de palavras e frases, consolidando o processo com a produção de textos.

Utilizam-se muito, durante o ensino de leitura, a partir do método fônico, os termos grafema e fonema, portanto faz-se necessário, como primeiro passo, esclarecer o que são esses conceitos com o objetivo de facilitar o entendimento desse método. O grafema, conceito chave do método fônico, “é a letra em sua forma escrita” (OLIVEIRA, 2003), ou seja: a representação gráfica do som. Já o fonema é a produção do som que o grafema representa.

No processo de ensino da leitura a partir do método fônico, jogos e brincadeiras também devem fazer parte das estratégias adotadas, como por exemplo jogos relacionados à

musicalização das letras, cantigas de roda, dinâmicas envolvendo ditados, entre tantas outras, porque despertam o interesse de participação nos alunos, pois isso auxilia na compreensão daquilo que possa não ter sido assimilado somente com as atividades habituais em sala de aula.

O método fônico ainda é pouco conhecido e adotado nos ambientes escolares, mas vem ganhando força, principalmente com o novo Governo Federal, que teve como uma de suas primeiras iniciativas a criação da Secretaria de Alfabetização (Sealf), criada por meio do Decreto nº 9.665, de 2 de janeiro de 2019, e que tem como Secretário de Alfabetização o professor Carlos Nadalim, um dos defensores do uso do método fônico e que tem em seu blog *Como Educar Seus Filhos*<sup>4</sup> um vasto material impresso e em vídeos para divulgação e defesa do método fônico. Essa Secretaria conta com três diretorias e são elas: a Diretoria de Alfabetização Baseada em Evidência (Dabe), a Diretoria de Suporte Estratégico à Alfabetização (DSEA) e a Diretoria de Desenvolvimento Curricular e Formação de Professores Alfabetizadores (DCFP).

Uma das primeiras iniciativas do MEC relacionada à área da alfabetização foi a criação da nova Política Nacional de Alfabetização (PNA), estabelecida pelo Decreto nº 9.765, divulgado no Diário Oficial da União em 11 de abril de 2019, e que tem como prioridade o ensino do método fônico para a alfabetização até os 6 anos de idade, ou seja, primeiro ano do Ensino Fundamental. Essa prioridade pelo método se dá no artigo 3º, inciso IV, quando cita seis componentes essenciais para a alfabetização, como por exemplo fluência e leitura oral, desenvolvimento do vocabulário, entre outros.

Cabe aqui destacar que todos os métodos precisam de conhecimento, tempo e aprimoramento do alfabetizador para que ele tenha capacidade de perceber a real efetividade do método adotado ao longo do processo de alfabetização, podendo mudar ou não sua estratégia pedagógica para alcançar o fim principal, que é a alfabetização das crianças no princípio da vida escolar.

Pode-se justificar a escolha pelo método fônico como aquele que pode vir a ser um aliado para superar as dificuldades em alfabetização no Brasil e alcançar a meta proposta pelo do PNE. Propõe-se especialmente o livro base do trabalho em questão, o *ABC do Alfabetizador*, pertencente ao *Programa Alfa e Beto de Alfabetização*, porque ele se propõe a

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://comoeducarseusfilhos.com.br/blog/>

oferecer respostas sobre o que é a consciência fonética, a consciência fonológica e as demais particularidades do método fônico (questões que serão explicadas no próximo capítulo deste trabalho).



### **3. A ALFABETIZAÇÃO PELO MÉTODO FÔNICO: O *ABC DO ALFABETIZADOR***

A referência teórica adotada para as práticas de alfabetização desenvolvidas nesta pesquisa é proposta por Oliveira, 2003, no livro *ABC do Alfabetizador*, que apresenta-se como método fônico de alfabetização, que pretende contribuir para a formação docente, a fim de melhorar as práticas pedagógicas dentro da sala de aula, pois busca, de forma bastante didática, expor os pontos necessários para uma boa articulação no processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita, principalmente no que diz respeito ao primeiro contato de crianças com o código alfabético.

O livro faz parte do *Programa Alfa e Beto* e apresenta materiais didáticos para professores, alunos e pais, a partir do ensino do método fônico.

No primeiro capítulo do livro, o autor explica, de forma introdutória, questões sobre o código alfabético, que é aquilo que usamos para a produção de quaisquer palavras, até mesmo de outras línguas desconhecidas (OLIVEIRA, 2003), sua importância, o modo de compreensão da transformação de fonemas em grafemas pelos alfabetizandos, além de outros aspectos relevantes para o professor alfabetizador.

Nesse mesmo capítulo, é fixada a questão de disponibilizar, a quem se quer ensinar, ferramentas necessárias para a real compreensão daquilo que está sendo ensinado. O autor ainda apresenta três conceitos de alfabetização, são eles: estrito, amplo e operacional. É, portanto, necessário entender cada um deles.

O *conceito estrito* apresenta o que há de mais importante no processo de alfabetização, que é aplicar o código alfabético corretamente, ou seja, conhecer o alfabeto e ter as capacidades de codificar, conversão do som em letra, e de decodificar, conversão da letra em som. Entretanto esse conceito exclui diversos outros fatores também importantes, que serão apresentados nos dois conceitos a seguir.

O *conceito amplo*, como o próprio nome sugere, tem pouco valor prático para o professor, uma vez que carece de algo que indique sua real definição. Esse conceito dispõe de pontos positivos, pois mostra que a alfabetização vai além da decodificação de letras, apresentando a necessidade de compreensão daquilo que se lê e se fala dentro de um contexto. Além disso, o conceito evidencia que a alfabetização também tem um caráter funcional, sendo necessária para a realização de tarefas triviais, tais como votar e dirigir.

Já o *conceito operacional* trata o processo de alfabetização como o momento da aprendizagem da leitura e tudo o que vem após o fim dessa etapa é a utilização da leitura para o aprendizado, portanto o aprender a ler e o ler para aprender são duas etapas distintas. A primeira delas – o aprender a ler – requer que os esforços do alfabetizador sejam direcionados a ensinar ao aluno a decifrar o código alfabético. Na segunda etapa – o ler para aprender –, se a primeira foi bem realizada, o aluno passa a ler para aprender conceitos e contextos e então começa a dar significado para o que se aprende.

Depois da exposição desses conceitos e buscando sempre ter o terceiro como ideal, o livro se mostra, já nesse primeiro capítulo ainda introdutório, como uma espécie de manual para aqueles que desejam alfabetizar através do método fônico ou ao menos aprender sobre ele.

No Brasil, existem diferenças culturais, econômicas e sociais, o que pode gerar ou não ambientes propícios para a prática precoce da estimulação literária e introdução à leitura e escrita. E quanto a isso o autor é bem claro: é dever do professor alfabetizador equilibrar essas disparidades e dar a condição de desenvolvimento a todos os que passam a ser seus alunos.

Diante disso, é necessário que o alfabetizador esteja disposto a ajudar a desenvolver a consciência fonológica nas crianças, que é a capacidade de identificar e discriminar os diferentes sons das letras. Essa consciência fonológica se dá ao longo do processo de alfabetização e pode se desenvolver não só dentro da leitura formal, pois, de modo algum, a questão da alfabetização deve ser considerada apenas no ambiente escolar ou em suas atividades, mas como parte de um grande processo..

Desse modo, jogos e brincadeiras são grandes aliados nesse processo, mostrando que, independentemente do método, tudo, ou quase tudo, pode ser utilizado em prol da alfabetização e da formação infantil para a inicialização com o mundo letrado. Tudo isso dá base para o desenvolvimento de consciência fonêmica e decodificação, assuntos abordados mais à frente.

Uma forma bastante interessante para desenvolver a consciência fonológica na criança é a leitura fonética. Juntamente com o alfabetizador, a criança inicia a leitura das palavras, reproduzindo o som de cada letra, notando suas particularidades e entonações, e por fim reproduzindo toda a palavra, lendo-a de forma gradual para depois formar uma frase ou parágrafo com todo o sentido textual.

A fim de que seja interessante e prazerosa para as crianças, a leitura fonética deve ser feita a princípio com coisas que são comuns dentro do universo das crianças, tais como os livros infantis, de preferência aqueles que são de fácil assimilação, como grandes clássicos da literatura infantil, como Chapeuzinho Vermelho e Os Três Porquinhos.

A questão da familiaridade com livros e textos deve ser conduzida se não por ambiente familiar, pelo alfabetizador, que tem como primeira tarefa incentivar esse contato com livros não só pela questão da leitura em si, mas por aprender como eles são organizados em capa, índice, início, meio e fim, entre outros detalhes que às vezes passam despercebidos até por adultos.

Uma das atividades que pode ser proposta para essa familiarização é a de criar livros com materiais encontrados facilmente em sala de aula, como papel, cartolina, cola e recortes de revistas, mostrando para a criança que todos podem escrever um livro e criar histórias. Dessa forma a importância do livro para todo o processo de alfabetização é introduzida.

Dando seguimento ao funcionamento do método fônico, é necessário, como dito anteriormente, apresentar ainda dois conceitos: consciência fonêmica e decodificação. A consciência fonêmica é a capacidade que a criança adquire de entender que as palavras são formadas por diferentes sons, os fonemas. A decodificação é a capacidade de aprender os sons representados pelas letras, ou seja, ler. Isso não implica na compreensão daquilo que se está lendo.

Não há quando um acordo quando se trata do número de fonemas existentes, já que estudiosos se utilizam de vários critérios para classificá-los. Mas, de forma uníssona, é importante para o alfabetizador conhecer e identificar os fonemas mais fáceis e mais difíceis, criar uma ordem lógica para ensiná-los e assim facilitar o aprendizado dos seus alunos.

Uma das técnicas mais utilizadas para o desenvolvimento da consciência fonêmica é o isolamento de fonemas. Sendo assim, o alfabetizador busca uma palavra e questiona o aluno sobre o seu primeiro som. De forma gráfica, o professor pergunta o primeiro som da palavra “pato” e espera-se que o aluno, já possuindo consciência fonológica, possa responder /pppp/, já que a representação do som, quando apresentada de forma gráfica, requer que a letra esteja entre sinais, que vêm a ser / / (barras).

Existem outras muitas formas de fazer com que se crie essa consciência, que fica a critério do professor escolher, desde que perceba que aquilo está tendo resultado com os seus alunos e que eles também se sentem confortáveis com tal modo de trabalho.

Aqui vale lembrar que nada dentro do método fônico ou do *ABC do Alfabetizador* é como receita a ser seguida, apenas apresentam-se possibilidades para que haja uma base para o professor, fazendo com que ele possa buscar alternativas e novas técnicas pedagógicas, já que as variáveis dentro da educação são quase que infinitas.

O *ABC do Alfabetizador* dá opções de trabalho para ação direta do alfabetizador em sala de aula, em forma de atividades, para que as crianças possam começar a desenvolver a leitura e escrita, além do vocabulário, adquirindo ferramentas necessárias para aprender a se comunicar e expressar necessidades, vontades e demonstrar fluência na expressão de seus pensamentos, argumentos, críticas, por meio da língua.

Vale lembrar que existem dois tipos de vocabulário: o escrito e o oral. Os dois têm grande importância para o desenvolvimento da alfabetização em seus primeiros anos. No entanto, de acordo com estudos presentes no *ABC do Alfabetizador*, a fluência oral dentro do ambiente familiar ainda é um tanto quanto limitada, já que os assuntos dentro das residências se dão através de conversas quotidianas, não exigindo, na maioria das vezes, necessidade de novos vocábulos.

Em geral, o grande desafio da escola e do professor é construir com seus alfabetizando uma maior gama de palavras e criar uma base dentro da língua, desde os momentos de escrita, como redações e pequenos textos, chegando até à questão oral, transferindo conhecimento de palavras para a comunicação. Além disso, com a expansão do vocabulário desde a infância, a criança passa a ter oportunidade de ouvir e ler palavras não tão usuais no dia a dia familiar ou escolar e as compreender, sem sofrer com a questão da dúvida do contexto do assunto abordado ou da mensagem a ser reproduzida.

Saber o vocabulário não se dá apenas na questão de saber uma palavra e seu significado, mas implica em conhecer sinônimos, sua forma de emprego nas frases, sua utilização correta dentro da fala, o que gera, conseqüentemente, a questão do aprendizado amplo e abrindo novas possibilidades dentro da língua.

Pontos bastante eficientes para a ampliação do vocabulário são os ditados, pois eles trabalham todas as áreas necessárias para o aprendizado de novas palavras, passando pela

audição, identificação e reprodução dos sons de forma escrita. Conforme o professor dita as palavras, o aluno deve discriminar os sons presentes nela e registrá-los de forma gráfica.

Para o alfabetizador, o grande desafio para a criação do vocabulário está na hora de escolher livros didáticos e de leitura, pois eles precisam fazer jus ao que se quer ensinar, mas também não podem ser limitados, linguisticamente falando. O professor deve, por obviedade, ter um vocabulário vasto, para que de forma direta possa explicar aos alunos aquilo que eles ainda não compreendem.

O *Programa Alfa e Beto* disponibiliza, como possibilidades de ensino de vocabulário, o uso do dicionário, juntamente com o planejamento de leitura diária, para que as crianças possam compreender aquilo que têm dificuldade e ainda buscar novas palavras que poderiam ser usadas dentro do texto, sem ter prejuízo de sentido.

Outro ponto importante para a alfabetização da criança é a caligrafia, pois é de real necessidade que o aluno possa escrever de forma compreensível aquilo que aprendeu e que deseja comunicar. A questão da caligrafia vem desde muito tempo, quando não existiam ferramentas que auxiliassem a redação de textos e livros, o que a tornou uma arte, já que para a reprodução dos mesmos era necessário a escrita manual legível.

Entretanto, segundo o autor do *ABC do Alfabetizador*, a caligrafia acabou por perder espaço dentro das escolas brasileiras, dado o pragmatismo na questão conteudista que os espaços escolares acabaram recebendo.

A caligrafia é uma automatização dos movimentos que levam à grafia correta e expressão visual daquilo que se fala, assim como no método fônico, em que a criança tende a perceber os diferentes sons para cada letra e as distintas entonações através dos formatos bucais ao reproduzir cada fonema.

Cabe, portanto, ao professor alfabetizador tratar com atenção a questão também da escrita, dar resposta ao que é perguntado pelos seus alunos e os ensinar desde a postura corporal ao se sentar e segurar a caneta, até a forma correta de cada letra, cuidando, por muitas vezes de forma individual, daquilo que as crianças necessitam para o melhor desenvolvimento da caligrafia.

É necessário que o alfabetizador dê ferramentas de avaliação para que os seus alunos possam saber se estão executando suas tarefas corretamente, pois, como cita o *ABC do*

*Alfabetizador*, a caligrafia ocorre como um esporte, necessitando assim de uma boa execução e de um bom “técnico” para o desenvolvimento da criança.

Por fim, após aprender os sons, criar as consciências fonéticas e fonêmicas e transformá-las em escrita na forma de caligrafia, é necessário utilizar-se disso para a produção de textos. O ensino da escrita possibilita que a criança possa comunicar tudo aquilo que aprendeu e/ou vem aprendendo ao longo do processo de alfabetização.

Para que a escrita seja feita de forma eficiente, o aluno tem que primeiro planejar o que deseja comunicar. A partir desse planejamento, a criança é capaz de escolher seu público-alvo, o propósito do seu texto e seu gênero textual, para então escrever de forma a deixar explícita a mensagem que deseja comunicar. Cabe aqui ao alfabetizador o auxílio e cuidado em dar respostas – de preferência positivas – ao processo criativo de seu alfabetizando.

Os textos produzidos precisam seguir uma sequência lógica: início, meio e fim. Para isso, os alunos poderão usar das mais variadas ferramentas para que o texto seja bem estruturado e atinja o público-alvo. Além disso, é importante ter um bom vocabulário e fluência oral e escrita para se produzir um bom texto.

Após todo esse processo de alfabetização, é necessário medir o real aprendizado do aluno e isso se dá por um ponto que ainda gera inúmeros debates dentro do campo da educação: a avaliação. Hoje é quase unanimidade que a avaliação nas escolas brasileiras não tem cumprido esse papel, fazendo com que os professores por muitas vezes não se utilizem dessa ferramenta tão importante.

Aqui não está sendo falado da importância de se atribuir uma nota ou não para o aluno, mas da parte que realmente mostra os resultados sobre a alfabetização, que é saber o que o aluno aprendeu, suas dificuldades e então pensar possíveis soluções para elas.

A avaliação não necessariamente precisa ser em formato de prova ou trabalho, mas pode ser trabalhada em um contexto amplo de apresentação de resultados. O alfabetizador deve se basear em todo o programa feito ao longo do tempo de trabalho para que sejam conhecidas todas as nuances de uma sala de aula. Conselhos de classe, por exemplo, são grande auxiliares para o professor conhecer os alunos, o que é algo de extrema importância para acompanhar suas evoluções ao longo do processo de alfabetização.

Levando em consideração tudo aquilo que o aluno necessita aprender para ser um bom leitor e escritor, o professor pode desenvolver diversos modos de avaliação, possibilitando a formação de um aluno letrado, que possua boa compreensão oral e escrita.

#### **4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA EM QUE A PESQUISA FOI REALIZADA**

A fim de contextualizar o método, colocando-o na forma prática, procurou-se uma escola em que fosse possível a realização de atividades sugeridas pelo *ABC do Alfabetizador* e assim traçar um planejamento com a alfabetização com crianças do segundo ano do Ensino Fundamental.

Essa escola em que foi realizada a parte prática da pesquisa, localiza-se próxima a uma das áreas nobres de Brasília, o Lago Norte, e atende aos alunos do Varjão.

O espaço físico do local possui dezenove salas de aula, uma sala multiuso, uma sala para professores, uma sala de Coordenação da Educação Integral, uma sala de Coordenação para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos e Supervisão Administrativa, uma sala da direção com 02 ambientes, uma sala da secretaria, uma biblioteca, sala de informática, uma cozinha com depósito, um espaço multiuso utilizado como refeitório para o Integral e reunião de pais, dois banheiros exclusivos para alunos (feminino e masculino), um banheiro para servidores; dois banheiros para professores (masculino e feminino), uma sala de servidores, duas quadras de esporte cobertas, um parquinho de madeira para 1º e 2º ano, um galpão que atualmente é utilizado para as atividades da Educação Integral, uma sala para SOE - Serviço de Orientação Educacional, uma sala de Recursos Generalista, uma sala de Recursos - Altas Habilidades, duas salas para equipe EEAA: pedagoga e psicóloga, dois banheiros adaptador (masculino e feminino) para alunos do 1º ano e um estacionamento.

Toda essa estrutura acolhe um total de 830 alunos no turno diurno, divididos em 38 turmas, sendo 19 turmas no turno matutino e 19 no turno vespertino, todas elas pertencentes ao ensino fundamental e habitantes das zonas rurais do Lago Norte, Itapoã e Paranoá, além do próprio Varjão. Os alunos são em sua maioria de classe média baixa, ditas classe C e D, e utilizam, na maioria das vezes, as dependências da escola para alimentação e lazer.

A escola funciona com o sistema de Gestão Democrática, em que, a cada início de ano, realizam-se encontros com a comunidade e pais de alunos para a discussão do modelo de escola que eles querem para seus filhos, e fazendo com que a participação de todos construa a educação de forma a acolher todas as necessidades, tanto educacionais quanto de geração de valores para os que habitam próximo a escola e utilizam seus espaços.



A escola figura dentro do quadro da Secretaria de Educação do Distrito Federal e está anexada a Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro (CRE-PPC).

#### **4.1 O projeto interventivo**

A escola oferece diversos projetos, tanto para a comunidade quanto especificamente para os alunos. Um dos projetos diretamente ligados a esse trabalho é o Projeto Interventivo, que tem como principal objetivo neutralizar dificuldades individuais de alguns alunos através do auxílio pedagógico de professores e voluntários para melhor sanar possíveis dificuldades das crianças em relação ao conteúdo anual, criando novas possibilidades de práticas pedagógicas mais eficientes para cada especificidade.

O projeto acontece dentro da escola, mais especificamente na sala de recursos, onde existem diversos materiais para desenvolvimento das atividades pedagógicas, como jogos, revistas, jornais, giz, alfabetos móveis e etc.

O projeto se torna parte importante a partir desse momento, pois é ele que irá dar a possibilidade da realização desse trabalho.

Para isso, foram escolhidos, juntamente com a coordenadora pedagógica da escola e a professora da turma, oito alunos de uma turma do segundo ano do ensino fundamental, que possui um total trinta crianças entre seis e sete anos de idade.

A coordenadora tem como função se reunir com os professores, para que, a partir dessa reunião, seja feita a escolha dos nomes que estejam apresentando maiores dificuldades dentro do planejamento anual de ensino proposto pelos professores ao longo do ano, tentando assim auxiliar o aprendizado dos alunos que possuem uma ou mais especificidades dentro do processo pedagógico.

Esse projeto é uma estratégia pedagógica que permite o avanço contínuo das aprendizagens e contempla as possibilidades e necessidades de cada estudante, durante todo o ano letivo (DISTRITO FEDERAL, 2012).

#### **4.2 Os alunos participantes da pesquisa**

Seguindo essa lógica, foram escolhidas as crianças — que terão os nomes aqui colocados de forma fictícia — que apresentavam maior dificuldade, tanto em relação à alfabetização, quanto à própria interação com a professora titular da classe, que não possuía uma resposta positiva dessas crianças dentro da estratégia pedagógica adotada.

Cada criança possui uma dificuldade específica, como reconhecimento do código alfabético, socialização com os demais colegas, conversa excessiva, falta de foco e até mesmo um aluno que já era capaz de identificar letras e ler de forma satisfatória, mas que não mantém atenção quando na presença dos demais colegas.

A aluna Diana, que tem 6 anos de idade, é um exemplo clássico de dificuldade de socialização e resposta a estímulos, onde, por vergonha ou por intimidação, deixa de mostrar que assimilou do conteúdo proposto, dificultando o reconhecimento da professora sobre o seu real aprendizado.

Alberto tem grande facilidade em aprender as letras, reconhecê-las e fazer leituras curtas, mas não consegue manter o foco dentro das atividades propostas, sendo necessário estar participando do projeto interventivo, feito com um número menor de alunos, gerando menos distração e focos de conversa entre eles.

Duas crianças, que são primas, Joana e Yara, de 6 e 7 anos, respectivamente, têm como grande dificuldade reconhecer a grafia do alfabeto, seja ela em caixa alta ou letra cursiva, e estão no grupo do projeto interventivo para poder desenvolver tais capacidades.

Renata também possui facilidade com a leitura, mas demonstra certa vergonha e falta de interesse para com as atividades propostas em sala de aula regular, precisando de novos estímulos propostos dentro do projeto interventivo.

Paulo tem problemas relacionados à alfabetização e à leitura, reconhece todo o alfabeto, mas tem dificuldades quanto à leitura e organização de pequenas frases, e se utiliza das aulas propostas no projeto para sanar essas dificuldades e conseguir êxito nas aulas ao longo da semana e nas atividades pedidas pela professora titular.

Ivo ainda não reconhece a letra inicial de cada palavra e tem pequeno vocabulário, comunicando-se com dificuldade e repetindo palavras escritas por conhecer a forma como são escritas, repetindo sempre que vê uma palavra que elas são bola ou bolo, o que dificulta saber se é uma evolução ou mera repetição dentro da sua alfabetização.

Maria tem como maior dificuldade diagnosticada a condição da fala, não conseguindo pronunciar corretamente as letras, devido a uma pequena deficiência, que já foi diagnosticada como caso de resolução da área da fonoaudiologia pela escola, e está presente no grupo, pois, por conta desse pequeno percalço, tem dificuldade em se socializar e participar oralmente das atividades propostas em sala.

Por fim, todas essas crianças têm algo em comum, que é a vontade de poder ler e escrever, e o projeto tem como principal objetivo gerar nas crianças a possibilidade de estarem incluídas em todo o planejamento feito pelos professores, familiares e coordenadores nas reuniões que acontecem anual, semestral e bimestralmente para melhor atender às necessidades, não só das crianças, mas de todos aqueles que dependem do bom funcionamento da escola para uma melhoria de vida.

## 5. A REALIZAÇÃO PRÁTICA NA BUSCA DO ENSINO FÔNICO

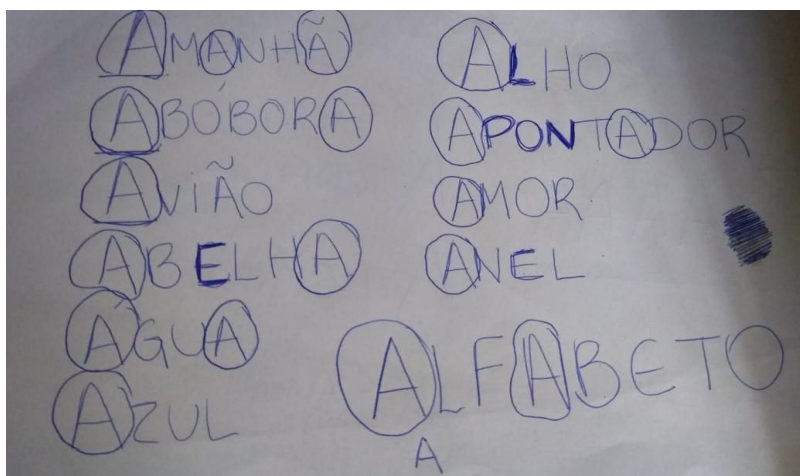
O livro *ABC do Alfabetizador* tem como proposta de primeira atividade a apresentação de todas as vogais (A, E, I, O e U) em sua forma escrita e falada para os alunos. A primeira atividade proposta foi a criação de fichas escritas juntamente com as crianças, para serem lidas e vistas. O segundo passo foi falar em voz alta cada vogal, estendendo ao máximo seus sons, como espécie de uma brincadeira de narração esportiva e elas optaram por fazer isso ao mesmo tempo, pois queriam seguir para a próxima atividade.

O primeiro grupo, composto por quatro crianças entre seis e sete anos, que encontram dificuldades em acompanhar a turma da qual fazem parte, iniciou a atividade conhecendo todas as vogais escritas e, a partir delas, escolheram a vogal do dia. Essa vogal foi usada para criar uma chamada, onde a vogal escolhida, no caso a letra A, fosse transformada em letra inicial do nome de cada um deles. Os alunos falavam seus nomes em voz alta, trazendo o som da vogal antes do nome, o que prendeu a atenção do grupo ao ver a diferença no nome de cada um.

Essa atividade tem relação direta com o isolamento dos fonemas, apresentado na questão teórica antes abordada e que facilita o desenvolvimento da consciência fonêmica.

Após se familiarizarem com a vogal do dia, foi proposto às crianças que dissessem palavras que eram iniciadas pela letra A, uma criança por vez, sendo que as palavras não poderiam se repetir. Algumas das sugestões foram palavras como anel, água, amor, entre outras que poderão ser vistas na imagem a seguir.

Imagem 1. Palavras iniciadas com a letra A mencionadas pelos alunos do grupo 1.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Os alunos então tentaram ler as palavras em conjunto, para perceberem, primeiro visualmente, depois ouvindo os sons, onde poderiam estar naquelas palavras, outras vogais do dia, no caso a letra A.

Como a maioria da turma ainda não consegue fazer a leitura das palavras, mas já reconhece as letras, foi necessário alterar um pouco a ideia de leitura e deixar com que eles encontrassem uma maneira de mostrar onde se encontravam a vogal escolhida para aquele dia.

Após esse reconhecimento, os alunos circularam as letras A existentes nas palavras que estavam escritas na ficha e que tinham sido escolhidas por eles. Em seguida, os alunos pediram para que fosse trocada a letra do dia, pois gostariam de ver como ficariam seus nomes com as demais vogais.

Como a aula já se aproximava do fim, foi proposto que eles apenas pensassem a letra que gostariam de trabalhar na próxima aula. Essa primeira turma se mostrou animada, já que podia não só reconhecer a vogal A presente nas palavras, mas também reproduzir seus sons e os perceber dentro das palavras que eles mesmos tinham sugerido.

Em seguida, os quatro alunos do primeiro grupo saíram, e o outro grupo, também composto de quatro alunos, entrou na sala para realizarem a mesma atividade.

Como o horário desse segundo grupo é logo após o intervalo, é necessário um tempo para que eles possam se acomodar dentro da sala, beber água e se acalmarem das brincadeiras que fizeram durante o tempo que estiveram fora de sala. Para isso, é adotado um momento de conversa sobre o que eles fizeram, tanto na sala de aula regular, quanto no intervalo, para tentar, ao máximo, voltar a atenção deles para as atividades que serão realizadas na sala de apoio.

Passado esse momento, os alunos do segundo grupo foram apresentados às vogais (A, E, I, O e U) e, assim como o primeiro grupo, após repetir em voz alta e em conjunto, usando a proposta de estender o som o máximo que conseguissem, escolheram uma vogal para letra do dia, como propõe o livro ABC do Alfabetizador.

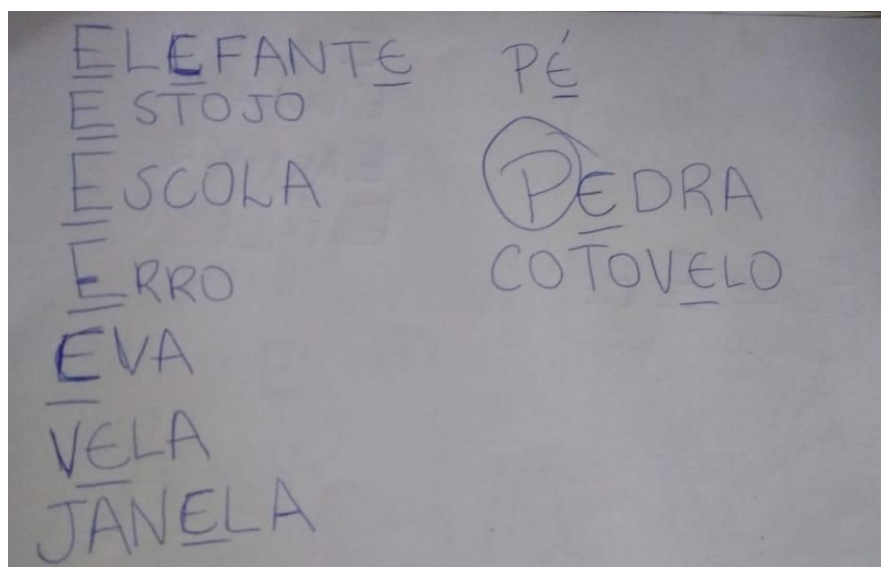
Nesse segundo grupo, a letra escolhida foi o E, e assim iniciou-se a chamada com a primeira letra do nome de cada um sendo a vogal escolhida.

Os alunos falaram seus nomes iniciados pela letra do dia e, em seguida, indicaram palavras como elefante, erro, escola para servirem de exemplos de palavras iniciadas com a

vogal E. Em seguida, um dos alunos questionou se a palavra pedra era iniciada com a letra do dia. A palavra foi escrita na ficha da vogal do dia e a turma pôde notar que a vogal E estava presente na palavra, e perceberam que seu som estava presente, mesmo que não iniciasse a palavra.

Por fim, os alunos sublinharam, de forma conjunta, todas as letras E que encontraram nas palavras que eles haviam sugerido, sempre repetindo seu som e percebendo algumas pequenas diferenças de sonoridade da própria letra de acordo com a palavra que ela aparecia.

Imagem 2. Palavras iniciadas com a letra E mencionadas pelos alunos do grupo 2.



Fonte: Elaborada pelo autor.

No fim da aula, os alunos já tinham melhor noção de onde era possível encontrar o som da letra E até mesmo ao conversarem, o que ajudará para uma melhor percepção fonética nas próximas aulas.

Já que nem todas as vogais foram trabalhadas, será necessário que ainda se faça mais aulas para que sejam estudadas as demais vogais, podendo, assim, seguir para as consoantes, principalmente as consoantes com som mais específico e que não se alteram dentro das palavras, já que a ideia nesse momento é de facilitar e acostumar o ouvido dos alunos a entender a presença das letras dentro das palavras e que cada uma tem sua função para o aprendizado da leitura e escrita.

Na segunda aula ministrada na escola, foi dado seguimento às atividades planejadas para a primeira aula com as turmas de reforço escolar.

Começando pela chamada, os alunos escolheram a vogal do dia, que foi a letra U. Assim, a letra foi colocada à frente do nome de cada criança, tornando-se a letra inicial e fazendo com que as crianças pudessem perceber o novo som em seus nomes.

Após a chamada, as fichas de papel novamente foram a forma de trabalho, onde cada criança, de forma individual, escolhia uma palavra que inicia com a vogal U ou que tivesse a vogal em sua composição.

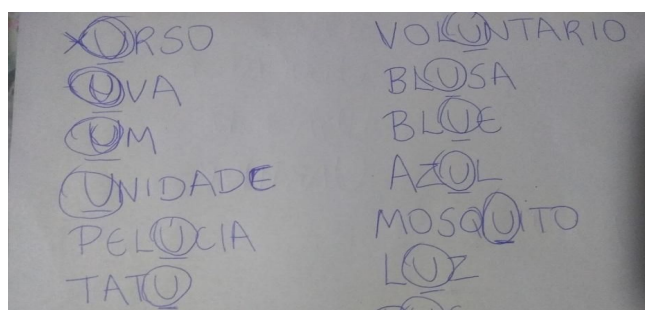
Após todo o processo, as crianças, uma por vez e depois em conjunto, estendiam o som da vogal U enquanto faziam a leitura da palavra, para se familiarizar cada vez mais com aquele som.

No segundo momento, uma das crianças pediu para escrever uma palavra que tivesse a letra do dia para ser feita a leitura. Utilizando um alfabeto móvel, que na ocasião era um pequeno quebra-cabeça feito de madeira que possuía todas as letras do alfabeto, a aluna Diana (nome fictício) escolheu “uva” e escreveu na ficha, para que todos os colegas pudessem ler e tentar ouvir os sons das letras.

Tal palavra fez com que eles percebessem também que a letra A, usada na primeira aula, estava presente, juntamente com a noção fonológica ao repetirem o som, já estendendo-o, como foi feito na primeira aula, utilizando as etapas do método de alfabetização apresentado no livro ABC do Alfabetizador, que serve de base para todas as aulas desenvolvidas na pesquisa.

Na última etapa, as crianças circularam as vogais U de cada palavra, a exemplo do que foi feito na atividade da vogal A, e finalizaram as tarefas do dia.

Imagem 3. Palavras iniciadas com a letra U mencionadas pelos alunos do grupo 1.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em seguida, foi falado aos alunos que, na aula três, eles já utilizariam as consoantes e seus sons. Foi questionado se eles já conheciam as consoantes, as crianças falaram letras como J, C, R, G e citaram também, palavras iniciadas com essas consoantes, como janela, casa, rato e gato mostrando que já são familiarizadas com essas consoantes. Porém, ao serem perguntadas sobre o som das consoantes citadas, elas apenas repetiram o nome da letra, não entendendo ainda como poderia uma consoante sozinha ter seu próprio som, já que, por muitas vezes, a professora regente da turma adota o método silábico de alfabetização, que consiste na apresentação das letras, mas de forma que elas possuam sons apenas se estiverem ao lado de vogais, por exemplo: caso a professora queira ensinar a letra C naquele dia, ela não demonstra a letra C e seu fonema, mas a trabalha a letra a unindo a vogais, dando sons característicos de CA, CE, CI, CO e CU, fazendo com que a criança não entenda as diferentes utilizações do som da letra C dentro das palavras e nem trabalhando corretamente o seu som.

A aula de número três teve como principal objetivo o conhecimento dos grafemas e fonemas das consoantes.

De acordo com o livro ABC do Alfabetizador, é importante que o primeiro contato das crianças com as consoantes, seja primeiro das que possuem um som claro e de fácil percepção, como as letras J, N, M, entre outras, para que não haja confusão inicial dentro da atividade de reconhecimento dos sons das consoantes dentro das palavras.

Inicialmente, foram colocadas fichas com as consoantes, sendo colocadas apenas as mais fáceis para a assimilação, como citado acima, e as crianças mostraram quais elas já conheciam ou ao menos reconheciam, a partir desse momento, foi possível que os alunos escolhessem a consoante do dia, partin assim como foi feito com as vogais. Sendo assim, a letra escolhida com a letra J, pois as crianças entraram em comum acordo sobre essa escolha.

O livro ABC do Alfabetizador não diz se a escolha da letra pode ser feita pelas crianças, apenas cita uma ordem lógica de apresentação, no caso, as consoantes com fonemas mais fáceis de serem percebidos.

Uma das crianças que tinha seu nome iniciado com a consoante do dia, disse que sabia que aquela era a letra do seu nome e o escreveu, mostrando aos colegas, que também quiseram escrever uma palavra e pediram para que fosse escolhida uma fruta iniciada com a letra J.



A fruta escolhida foi jaca, pois era uma palavra de fácil assimilação e poderia ajudar a compreender melhor o som existente do grafema J.

As crianças escreveram, e logo se notou que o início da palavra era correto, porém tinha com fim a letra K, formando JAK. Essa confusão já era esperada, uma vez que as crianças aprendem a letra apenas por seus nomes, não sabendo assim que a letra não necessariamente tenha aquele som, e julgam que a letra por si só já forma o som necessário para formar a palavra, gerando assim as pequenas confusões e dificuldades escritas.

Explicou-se, então, que para formar a palavra J/A/C/A são necessários as letras J, A, C e A, mostrado também, outros exemplos de palavras onde a sílaba CA está presente, para que as crianças pudessem se familiarizar com o som formado no encontro dessas duas letras, sendo uma consoante e uma vogal.

No final da aula, os alunos pediram para que na aula seguinte, eles pudessem escrever a palavra JACA novamente, pois iriam treinar a sua escrita para que pudessem escrever da maneira correta na aula de número quatro.

Na aula seguinte, foram realizadas as atividades planejadas para o dia e no fim, as crianças escreveram a palavra pedida de forma já correta, e a soletraram de acordo com o som das letras, para depois usarem a soletração silábica, dando forma escrita e sonora para a palavra, conseguindo assim aprender a escrita de uma palavra, que acabou se tornando algo grande dentro das dificuldades apresentadas por elas.

Na aula quatro, foi apresentado aos meninos, um jogo, para facilitar a assimilação daquilo que havia sido colocado nas aulas anteriores.

Para isso, foi feito um Jogo da Força fonético, onde as crianças falariam as letras, mas ao invés de citar os nomes de letras, elas deveriam usar o som da letra escolhida para fazer a tentativa de acerto dentro do jogo.

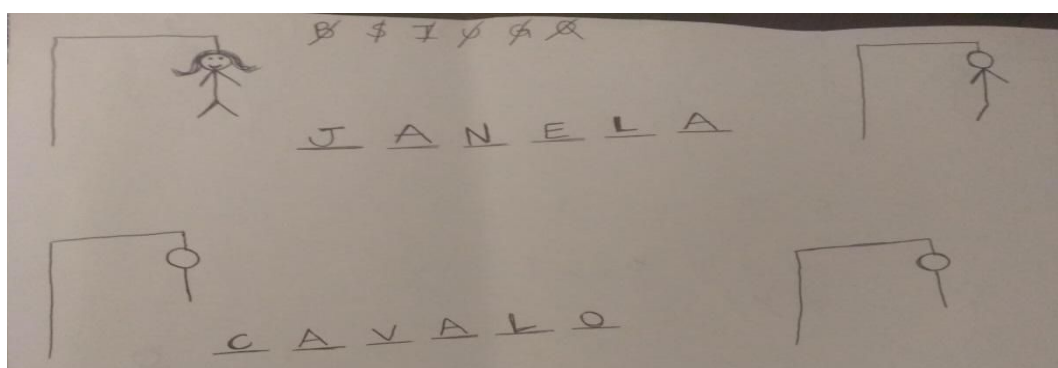
Os alunos primeiramente escolheram se jogariam de forma individual, em dupla ou em grupo. Após uma pequena discussão, optaram por jogar em duplas, escolhidas também por eles.

Cada dupla escolhia uma letra, reproduzia seu som e tinha a chance de acertar ou não. Caso houvesse êxito, a letra era colocada no espaço devido, caso contrário, era desenhado uma parte do corpo de um boneco(a) na força. As palavras foram escolhidas de acordo com o que as crianças haviam visto durante as aulas de reforço anteriores.

A primeira palavra escolhida foi janela, onde a dupla de número dois conseguiu o maior número de acertos e saiu como vencedora. Já na segunda etapa, as crianças conseguiram acertar de forma rápida a palavra cavalo e como a ideia era de que todas as duplas ganhassem ao menos uma vez, o grupo de número um foi o vencedor, pois acertou a primeira letra da palavra (C), e por isso foi escolhido o vencedor, de acordo com critérios das próprias crianças.

Por fim, as crianças escreveram as palavras nos cadernos e fizeram desenhos para ilustrá-las.

Imagem 4. Jogo da Forca com as palavras janela e cavalo.



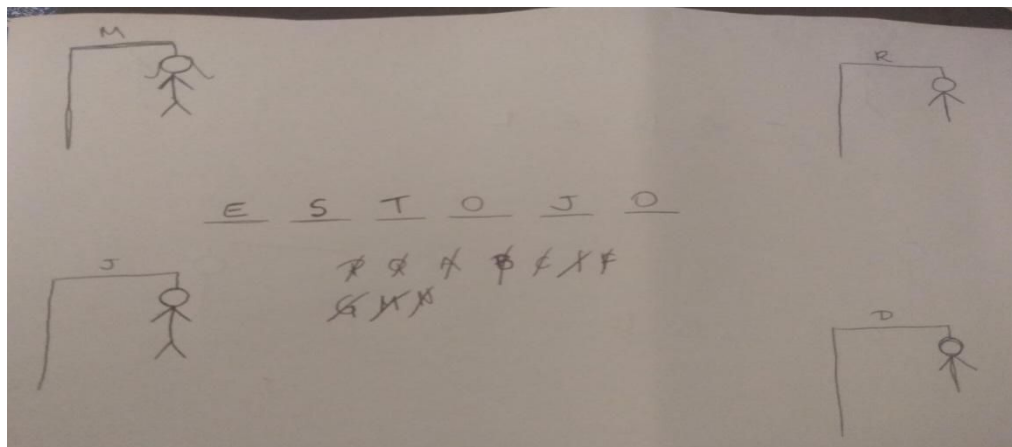
Fonte: Elaborada pelo autor.

Na segunda parte da aula, com um grupo diferente de alunos, foi feito o mesmo jogo, mas os alunos optaram por jogar de forma individual, com cada um reproduzindo o som da letra escolhida, uma a cada vez.

Assim, a inicial de cada criança foi colocada em um canto da folha, para que a cada erro ou acerto, fosse computada a letra ou parte do corpo na “forca”.

Os alunos foram reproduzindo o som das letras e cada um conseguiu acertar uma das letras, ficando decidido por eles que havia sido empate e todos ganharam. No fim dessa atividade e após escrever a palavra jaca, como pedido na aula anterior, eles retornaram para a sala de aula, pois a professora titular da turma precisava finalizar uma atividade iniciada naquele dia, encerrando assim as atividades na aula de reforço escolar.

Imagem 5. Jogo da Forca com a palavra estojo.



Fonte: Elaborada pelo autor.

### III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi apresentado na introdução desta pesquisa, é necessário ressaltar que a questão orientadora que foi como o método fônico proposto por Oliveira (2003) pode contribuir para a alfabetização dos estudantes participantes do projeto interventivo da escola colaboradora desta pesquisa pôde ser respondida, já que o método proposto mostrou-se um facilitador para a aprendizagem das crianças, trazendo, através das atividades propostas, novas perspectivas para as crianças ainda não alfabetizadas.

Sendo assim, o objetivo geral do trabalho, que era de conhecer a proposta do *ABC do Alfabetizador* e utilizá-lo como ferramenta para a melhoria do processo de alfabetização das crianças, foi alcançado, uma vez que teve resposta positiva dos alunos que participaram da pesquisa.

No que diz respeito à aplicação e observação da utilização do método como objetivos específicos, foi possível perceber, mesmo sabendo que em poucas aulas não há como fazer com que todo o conteúdo seja assimilado, que o método se mostra eficaz quanto à questão de sua utilização como prática pedagógica. Somado ainda à utilização de alguns jogos, notou-se certa evolução no reconhecimento que as crianças tiveram das letras e seus sons, sendo possível até mesmo que elas pudessem escrever a primeira palavra e reconhecer, apenas ao ouvir o som, qual era a letra que estava presente nas palavras.

Por mais que esses avanços possam parecer pequenos, é importante citar que com essa pequena amostra de aulas e atividades, criar uma palavra, para as crianças, se mostrou algo de grande significado. Isso demonstra que o método fônico pode, de fato, ser mais uma ferramenta no processo de alfabetização. Portanto, além dos alfabetizadores, as crianças podem ser as grandes beneficiárias desse método, já que, se praticado da maneira correta e com abertura a novas possibilidades, o método pode ser cada vez mais eficiente no processo de ensino-aprendizagem.

Cabe lembrar aqui que os colaboradores da pesquisa eram crianças oriundas de famílias, em geral, pouco escolarizadas e, portanto, os estudantes não chegam à escola alfabetizadas pela família, como pode acontecer como quando há investimento da família na educação em casa. Elas pouco sabiam sobre o código alfabético e sobre seus sons, e se mostraram com certo entusiasmo quanto ao uso do método ensinado passo a passo no *ABC do Alfabetizador*.

Por fim, com uma oportunidade futura de mais aulas e mais intervenções utilizando-se do método fônico nas escolas, é possível aumentar em relação aos números de alfabetização no Brasil e até mesmo chegar às metas propostas dentro do Plano Nacional de Educação.

#### IV. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Os projetos para a área profissional vão desde a questão do trabalho com a alfabetização, podendo ser um contribuinte para a evolução dos dados da educação brasileira até o trabalho voluntário.

Para isso, a continuidade da formação se faz necessária, buscando cursar o mestrado, em busca de ampliar o conhecimento de métodos e práticas pedagógicas.

Ainda envolvendo a área da educação, o plano de cursar Educação Física na Universidade de Brasília se faz presente, já que unir Pedagogia e Educação Física para realizar trabalho voluntário na área de esportes para crianças com deficiência, algo que sempre foi pauta dentro dos meus projetos pessoais e também abrir possibilidades de trabalho dentro deste campo ainda tão pouco explorado.

Desde que iniciei o curso de Pedagogia, proponho-me como meta a abertura de uma creche, que é onde eu poderia, além de auxiliar na educação de crianças nos anos iniciais de alfabetização, utilizar os métodos de alfabetização que considero adequados para uma boa formação.

Por fim, para além das questões profissionais ou financeiras, aprimorar-me como educador me possibilitaria educar meus futuros filhos através do *homeschooling*, de modo que a educação deles possa partir de uma base católica e que eu os acompanhasse durante o processo de alfabetização.

## BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Decreto nº 9.665. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Educação, remaneja cargos em comissão e funções de confiança e transforma cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. Brasília, 2 de janeiro de 2019. DF, jan 2019.

BRASIL. Decreto nº 9.765. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Brasília, 11 de abril de 2019. DF, abr 2019.

BRASIL. Lei nº 4.075/2007. Dispõe sobre a Carreira Magistério Público do Distrito Federal e dá outras providências. Brasília, 28 dezembro 2007. DF, dez 2007.

BRASIL. Lei nº 5.105/2013. Reestrutura a carreira Magistério Público do Distrito Federal e dá outras providências. Brasília, 3 maio 2013. DF, mai 2013.

CARVALHO, Marlene. Alfabetização e Letramento. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2005. p. 13-47.

CASTRO, Cláudio de Moura. A volta do bê-á-bá: A guerra dos alfabetizadores. Revista Veja, Ed. 2051, março, 2008. Disponível em: <[http://www.udemo.org.br/Leituras/Leituras\\_133.htm](http://www.udemo.org.br/Leituras/Leituras_133.htm)> Acesso em: 31 jul. 2019.

COBUCCI, Paula Maria. Direitos de aprendizagem em Práticas de Alfabetização e Letramento. In: COBUCCI, Paula Maria et al. Novos olhares sobre alfabetização e letramento, a partir de pesquisas em experiências bem-sucedidas. Curitiba: CRV, 2018.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação do Distrito Federal. Diretrizes Pedagógicas do Bloco Inicial de Alfabetização. 2. Ed. Brasília: SEEDF, 2012.

KLEIMAN, A. B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B (Org.). Os significados do letramento. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARTELLI, Marialuisa et al. Alfabetização: em que consiste - como avaliar. [S. l.]: Alfa Educativa, 2015.

MIRANDA, Marlene. Alfabetização e Letramento. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2005.

NADALIM, Carlos Francisco de Paula. As 5 etapas para alfabetizar seus filhos em casa - O guia definitivo [S. l.: s. n.], 2015. E-book.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. ABC do Alfabetizador. [S. l.]: Alfa Educativa, 2003.